

De um diário velho,

E' a hora de passarem os carros no tal desatino, hora da minha solidão desassossegada.

Se alguém soubesse a vida irregrada, indisciplinada e desaproveitada que levo! A mim própria me cansa. Acho-a quasi irreall... mas a ela me afaço. De outro modo a não posso talar!

Só me parece que poiso sobre a terra com a leveza e a indiferença, o *détachement* de outros que vejo moverem-se como figuras accidentais e ornamentais de um lugar. E' como os vejo; sê-lo-ão assim, ou não...

Aqueles homens que trabalham na doca, por exemplo. Quem lhes nota o esforço e o cansaço? que devem existir! Vão, vêm, indiferentes, serenos, carregados, debaixo do sol que não esmorece, que torna este inverno bom para estrangeiros, monótono para nacionalistas... Debaixo deste sol impávido lembram-me êles figuras de uma representação sem lances, calma, continua.

Assim me movo eu... Vou e venho, inapercibida, regular, indiferente. Teimo em ir e vêr, como se tivesse cura, como se cumprisse um destino fatal, mas sensaborão; como se tivesse, enfim, lugar marcado numa peça clássica.

Soubessem os outros que a minha vida é isto! A minha vida, os meus dias.

Mas que me importam os outros? E para quê fingir, ocultar?

//

Notei numa revista portuguesa, de há dias, a importância dada a uma pequena consideração filosófica de um sábio. Consideração que vinha explicada.

Interessou-se, surpreendeu-me como coisa maravilhosa e simples, a pequena observação do sábio, cheia de bom senso e de conseqüências morais. Julgava êle de um ligeiro facto, mas com um juízo novo, todo pessoal, e de descoberta de causa. Essa descoberta, e o próprio movimento de pensamento com que era feita, impressionaram-me e pareceram-me encantadores.

Pensei depois, baseada naquella simplicidade de juízo, e no poder pessoal de observar, que talvez não sejam de todo inúteis, inoportunas ou ilegítimas as nossas **pequenas filosofias**... restritas que sejam a casos individuais, e próprios. Porque não hei-de eu tentar, e como eu, outros da minha pequena envergadura, a critica e o juízo livre dos casos do meu interesse, da minha vida? Que quero, que busco, que me incomoda, que me anima, que podem os meus sentimentos, etc.

O meu mundo (coisa mínima, bem sei), mas sobretudo o meu mundo mental, apresenta uma arquitectura que eu e outros temos composto aferradamente e bem inconscientemente. Porque me não hei-de eu dar a estudar essa arquitectura? Livrando-me, no entanto, o melhor que puder, de jugos e de fórmulas de critica bitolada. Para que me servia ela? Para me catalogar? Ser uma espécie psíquica, tal qual outra, aparentada de

outra... francamente não me interesse, nem como tal conhecer-me!

As **pequenas filosofias** terão o dom de nos revelar-nos com alguma originalidade?

A importância dada, afinal, à **pequena filosofia** legítima, defende a particularização, a rebeldia e até a independência do espirito.

Juízos particulares, ou por outra, fora do senso comum geral, far-se-ão sempre... e uns tidos, chegados a reconhecer por valiosos, e outros por invalidos... O que eu quero, no fim de contas, reivindicar, por conta do sábio, é a **frutuosidade** desses juízos. A sua propriedade, a sua utilidade... Os do sábio poderão ter uma latitude, uma finura e uma amplitude, e os nossos outra, apenas. Mas êsses e outros obedecerão à mesma força, a da agitação própria, pessoal, do espirito. E este tende, não o negamos, a esclarecer-se por si próprio.

Depois de tudo isto... tomarei à conta de **pequenas filosofias**, várias considerações, medrosas, inseguras, tímidas, que desde há anos faço e escrevo. Vê-las-ê a uma nova luz e desculpar-lhe-ê o que sempre reputei seus defeitos: pouca extensão, emotividade, inciência, etc. Deixarei de os renegar, como mais ou menos tenho feito, admiti-los-ê. E em vez de me continuar lamentando de não generalizar, de não ser vasta, de me não exceder, de me não ultrapassar, contentar-me-ê de fazer sinceramente, sem acanhamento, as notações dos meus casos pessoais.

A **pequena filosofia** foi o meu achado de há dias. Não terá, talvez, grande futuro... mas na hora de me ocorrer, de se me apresentar, pareceu-me legítima, necessária e reconfortante.

//

Há pouco estive a ver a água e os barcos. Uns pombos dos meus vizinhos levantaram o vôo pesado quando me aproximei do peitoril do terraço.

Este vôo bulhento, de arrancada, dá-me sempre a impressão de corte, de batida nos meus pensamentos, mesmo informados, suspensos. E também me adensa a imagem e o sentimento de solidão; foram-se embora os pombos... os pombos fogem... estavam onde mais ninguém estava...

Lembro-me de os ter visto arrancar assim, de súbito, pesadamente e com custo, de uma torre, ou castelo, profundamente selvático, e só. E num dia... Enganoso e estúpido, alvoroçado e decepado, grosseiramente assinalado, distinto, na piada dos meus outros dias. Daquêle lugar, cercado de muralhas velhissimas, ficou-me, afinal, uma visão fotográfica, muito mais que sentimental. Vejo-o a infinita distância.

Como se mata o tempo! Como o deixamos derivar, sim, derivar delgado e quasi sem conteúdo...

Mas os tais pombos levantaram o vôo bruscamente, como êstes, e a solidão, a minha solidão avultou! A solidão, o silêncio... ao meio do dia, no campo e de verão.

preambular de outro

por JOÃO FALCO

//

Tanta coisa há que dizer sempre, e que, afinal, se medez a tão pouco!

Admiro daquêle rapaz mado poeta o poder de amá-lo e o gosto do arabesco filosófico. No entanto, escreva êle sobre o que escrever, certifique, observe, sempre o seu intimo pensamento, o seu impulso vital se há-de traír e inclinar para uma difusão, uma irrealidade, uma suavidade patética que transcende de muito o domínio filosófico. Os seus versos são emocionais, e a sua prosa, igualmente emocional, mau grado os assuntos e o esforço de disciplina.

Não nos conhecemos, e conhecemo-nos, meu irmão mais novo e mais nobre. Nunca trocámos uma só palavra escrita ou falada. Mas para êle me atrá a paridade das nossas condições. Procuramos ambos a disciplina, ambos fugimos a uma forma simples, ou natural, de dilatamento de expressão, que se nos afigura banal ou insuficiente... Mas êle com asas de águia e eu sem asas. Não o digo lamentando-me, digo-o, simplesmente.

//

Entrei de fora há bocado. O sol era o rei da casa, sol de inverno, radioso.

Triste, deixei que as lágrimas me molhassem os olhos, destas lágrimas que não chegam a cair.

O sol, extremamente plácido, colorido, poissava no chão, nas paredes, derramava-se por toda a parte. Amarelo, sanguineo? dizia eu mentalmente. Sol, apenas... Mas sentia pressa de vir escrever, escrever enquanto houvesse sol, para êle me respirar, para estar sob a sua impressão...

Apesar disso fui fazer chá e andei de umas casas para as outras e ainda me sentei a ler um artigo. O sol pôs-se... Lentamente, sercamente, foi a sua luz desaparecendo. Que calmo, que olímpico poente! Merecia ser cantado em versos solenes, longos, descamisados.

Pôs-se o sol, morreu o dia, o verdadeiro dia. Lá se foi mais um dia... Dele que me ficou, que me ficou? A memória do regresso a casa, talvez, e nem essa, tão comum! Algo da minha conversa com R.?

Preguntou-me êle porque não faço livros. E' generoso... Fazer livros não é pouco. Respondi-lhe que me falta o fôlego, a envergadura, e também o gosto de os fazer. Mas, mas... novelas breves faço eu quasi sem querer, pintando-me e descrevendo-me numa ocasião e noutra...

Não, novelas verdadeiras, romances com ligação nunca farei. Não me estão a caracter... Parece-me que para se architectarem e reproduzirem quadros e entrecos com um sentido de vida continua, e de lógica afectiva, sem desordem, nos temos de sentir espectadores—espectadores desinteressados, até das nossas próprias ficções. E eu não me sinto com corpo para essa pele, não sou desapaixonada.

Admirável me pareceu sempre, mas estranho a mim, às minhas inclinações, o poder de análise e de observação do bom novelista. E' divina a

sua atitude de domínio e de penetração perante as suas personagens; êle as segue e as encaminha... Uma atitude calculada e só aparentemente exterior! A nós, leitores, parece-nos que êle olha o mundo objectivamente e para seu desfado; no entanto... a novela dêle nasce e decorre. As figuras que êle cria surdem, nem se sabe como, eivadas e emancipadas das suas paixões. Um esforço da imaginação, sem dúvida, as aproxima de outros seres, que todos julgamos conhecer, os liberta, em suma, de uma intima filiação com o seu criador.

Nada disto eu saberia fazer... e R. bem o sabe.

R. mais uma vez ainda, com aquêle seu gesto de se curvar, tão urbano e gracioso, o seu meio riso e palavras persuasivas, de amável critica, me gabou a sensibilidade.

Ouvindo-o, a minha vontade era de me fechar como os bichos de conta, de o contrariar e de lhe regeitar os cumprimentos. E porquê, conhecendo-lhe eu a delicadeza e a sinceridade?

Tinha quasi vontade de o ofender, como se ofendem os nossos chegados. De voltar o bico ao prego. De lhe ripostar: V. é que é sensível! E mais do que eu, muito mais do que eu... V. é que seria capaz de cobrir o mundo dos mais díperos e subtis comentários. Doer-me-ê como V. da dureza, da secura, dos encontros dos outros. E é êsse doer-me, só êsse, o meu valor explorável... Não é?

Mas quando cheguei a casa é que me foi ocorrendo que dizer, de mais positivo, sobre a minha sensibilidade; isto: Ando cansada de ser sensível! exausta de ser sensível, **pour rien!**

Ser sensível não é ser feliz, é estar exposto mais do que o preciso a dôr.

Todas as breves pausas disto a que eu chamo dôr—desconforto, predominância de sensações deprimentes, repugnância, desespero—todas essas pausas, somadas, constituirão um infimo, um mínimo, da minha vida moral.

Estou cansada, cansada de ser sensível! Vejo êste sol, a que acho tanto encanto, e que sinto? vontade de chorar... tristeza, desalento...

O sol alargava-me os olhos, penetrava-me, benemerente, tranqüillo, e entristecia-me. Se eu não fôsse sensível, se o não fôsse, talvez com exagêro, não me entristeceria, não ligaria, ao consôlo o desconso. gosava plácidamente o sol, sem o inoriminar dos meus outros males.

Enfiado-me também de ser sensível por desconfiar de que a sensibilidade fácil empobrece as nossas outras faculdades, as desvia do seu curso...

Serei femínil, enfim, como os homens dizem, costumam dizer.

Aprecio e cultivo certas **finuras** morais, que êles geralmente deixam esquecer.

Mas é em razão desta sensibilidade que eu sou tão fraca; que hesito, duvido, receio e sou, freqüentemente, desatenta e incerta. Sinto os meus interesses dispersos, mal combinados...

E escrevo e penso com pieguice! e aborreço-me de tudo o que faço!